



A memória de Castelo Branco é lembrada hoje em todo o País, no sétimo aniversário de sua morte.

# Há 7 anos morria Castelo

Há sete anos morria no interior do Ceará, em desastre de aviação, o ex-presidente Castelo Branco. Entre as homenagens evocativas de sua memória, destaca-se a que será prestada pelo Governo do Ceará, junto ao mausoléu-monumento que abriga, em Fortaleza, os restos mortais do ex-presidente e de sua esposa, da Argentina Castelo Branco.

18 de julho de 67

No dia 18 de julho de 1967, por volta das 11 horas, morria o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. O avião em que viajava, um Piper Aztec do governo do Ceará, chocou-se em pleno voo com um jato de instrução da FAB, quando se dirigia para Fortaleza, espatifando-se no solo.

Além do ex-presidente morreram no acidente seu irmão Candido Castelo Branco, o major Francisco de Assis Nepomuceno, a poetisa Alba Frota, o piloto Celso Tinoco. Sobreviveu apenas o co-piloto, Emilio Celso Tinoco. O jato da FAB, pilotado pelo tenente Malan, filho do general Souto Malan, velho amigo de Castelo Branco, conseguiu aterrisar.

Castelo Branco tinha deixado a presidência da República quatro meses antes (15 de março), e mantinha contatos políticos no Ceará visando ao possível lançamento de sua candidatura ao Senado.

Um dos principais articuladores da revolução de 1964, quando chefiava o Estado-maior do Exército, Castelo Branco assumiu a presidência no dia 15 de abril de 1964. Durante 2 anos e 11 meses de governo, baixou 4 Atos Institucionais, sancionou cerca de 700 leis (base das reformas da revolução) e já no fim de seu mandato assinou a nova Constituição.

## Convite da OAB a Falcão

RIO. (Sucursal) — O ministro Armando Falcão, da Justiça, foi convidado a presidir a instalação solene dos trabalhos da V Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, marcada para o período de 11 a 16 de agosto, no centro de convenções do Hotel Flórida. Cerca de 500 advogados estarão presentes à conferên-

teses a serem discutidas e aprovadas durante a realização da conferência, no total já dispõem de relatórios dos, podendo ser adotadas outras, apresentadas por advogados subordinados do conclave, advogados e os Di-

Advogados do Brasil manifestar, conferência de colaboração de temas de in-

## O general Castelo Branco e a Revolução de 64

HELIO SILVA

A posição do gen. Castelo Branco, no movimento de 64 é discutida. Enquanto seus admiradores afirmam que ele foi a grande figura de coordenador, há os que insistem em que o seu pronunciamento se deu à hora H. E argumentam com seu telefonema ao governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, considerando precipitado o movimento, que fora antecipado de 2 de abril para 31 de março.

A pesquisa por mim realizada, para escrever Março, 64 foi longa e difícil, mas produtiva. Castelo Branco teve uma atuação marcante e sua atitude foi definida a tempo. O que deve ser considerado é a posição que ocupava, que aconselhava uma discricção bem de seu feitio pessoal.

Na sequência de acontecimentos que precederam aquele movimento, assinalo, em primeiro lugar, o incidente de Natal, entre o então deputado Leonel Brisola e o comandante da guarnição federal, general Antonio Carlos Muricy. Aquele parlamentar fizera duras acusações ao genral, reportando-se ao episódio da posse de Jango Goulart. Muricy considerou o fato uma provocação e impediu que seus comandados exercessem um desforço físico contra Brisola, em desagravo. Homenageado, depois, fez um pronunciamento. Houve pressão de Brisola sobre Jango, para transferir Muricy. Castelo, que comandava a região, tomou a defesa de seu subordinado. O incidente provocou um amplo movimento de solidariedade a Muricy, em que se manifestaram os mais prestigiosos chefes militares. Foi esse, realmente, o primeiro movimento de conscientização dos militares contra a situação governamental. Castelo já liderou esse movimento.

A análise de Março 64, leva ao conhecimento da formação de duas correntes militares, a partir da Segunda Guerra Mundial. Data igualmente, de então, a proeminência de Castelo que se destacou na FEB e inicia sua liderança político-militar, manifestando-se como um líder, nas várias ocasiões, em que se fazia sentir a presença de um líder. Assim, no episódio da "Espada de Ouro", ele se pronuncia, dirigindo uma carta de repúdio ao convite que lhe foram endereçado para comparecimento ao ato. Em setembro de 63, seis meses antes da eclosão do movimento, assumiu o cargo de chefe do Estado-Maior do Exército, ele traça um quadro bastante expressivo: "ha reformadores oportunistas, que querem substituí-la (a estrutura) por meio de um solapamento

progressivo e anti-nacional e instituem o exercito popular. Arremedo de milicia, com uma ideologia ambigua, destinada a agiatar o País com exauridos pronunciamentos verbais e perturbar com subversões brancas e motins a vida do povo".

A 22 de outubro, em ofício dirigido ao ministro da Guerra, a proposito do estado de sitio, então solicitado pelo governo e ao qual formalmente se opunha, o chefe do Estado-Maior alerta aquele titular: "A crescente radicalização de posições no campo politico-militar se reflete entre os militares, sobretudo pelo fato de elementos militares tomarem a feição miliciana. Oficiais, ainda em numero reduzido, que dão a politicos pseudo-revolucionarios ou oposicionistas a solidariedade de suas posições ou de sua qualidade militar, participando de pressões, comprometendo os comando e oferecendo a impressão de que o Exercito se transforma num arremedo de milicia ou vive o estagio inicial de "força popular".

A 25 de fevereiro, seu pronunciamento é sobre a atualidade militar: "não estamos obrigados a tomar partido, quer no setor do governo quer no de oposição". Já em 2 de março, proferindo a aula inaugural da Escola de Comando e Estado Maior, define a destinação constitucional e a finalidade do Exército. A 18, condena a realização do comicio das reformas, apelando para o ministro da Guerra, general Jair Dantas Ribeiro, para que não comparecesse àquele comicio. Dois dias depois, a 2.ª, dirige a sua mensagem a generais e demais oficiais, em carater reservado, que constituiu o toque de reunir dos que iriam formar o movimento de 31. A sequência apresentada estabelece a linha da conduta do general Castelo face a transformação que se anunciava e se realizou, de forma desfavoravel para os que pretendiam uma reforma de amplo conteudo social, mas sim de acordo com a tendencia manifestada pela corrente militar que se afirma desde 1945, saída da FEB, como agora mesmo o afirma o marechal Cordeiro de Farias. Essa tendencia se apresenta em 1945, 1950, 1954, 1955, 1961 e, finalmente, em 1964.

O historiador Helio Silva, atualmente diretor do Centro da Memoria Social Brasileira, da Universidade Candido Mendes, da Guanabara, é autor do "Ciclo de Vargas", obra em 14 volumes, e escreve agora a "Historia da Republica", prevista para 20 volumes.

Folha de São Paulo - 18-VII-1974  
Vice-diretor da CIA